

## Entrevista

# Crítica e Alegria. Entrevista de Wilson Martins a Miguel Sanches Neto

### Biografia

Wilson Martins é considerado um dos mais importantes críticos literários do país. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), publicou o primeiro livro *Interpretações*, em 1946, pela José Olympio. Em 1952, obteve o título de Doutor em Letras pela UFPR. Ainda neste ano recebeu o Prêmio do Departamento de Cultura de São Paulo, que publicou o seu livro *A Crítica Literária no Brasil*. Em 1965, tornou-se titular de Literatura Brasileira na New York University (EUA), se aposentando, pela instituição, em 1991. Entre suas obras, destacam-se os sete volumes da *História da Inteligência Brasileira*, *Um Brasil Diferente* (1983) e o projeto audacioso de crítica literária, *Pontos de Vista*. Em 2000, o crítico recebeu a comenda da Ordem Nacional do Rio Branco, principal condecoração concedida pelo governo federal. Para comemorar os 80 anos de Wilson Martins, a Imprensa Oficial do Paraná, juntamente com a Topbooks, publicou a edição *Mestre da Crítica*, que reúne artigos sobre o crítico e sua produção intelectual. Atualmente, Wilson Martins reside em Curitiba e escreve para os jornais O Globo e Gazeta do Povo.

*A tendência do leitor contemporâneo é achar que o nosso tempo é o pior dos tempos, que é a pior literatura, que é o pior de tudo, os piores editores, os piores escritores.*

*Paralelamente, percebemos no Brasil uma diminuição*

*do espaço para literatura nos jornais, e uma conseqüente queda nas vendas dos bons escritores e aumento de material descartável. A pergunta é: o senhor está acompanhando o mercado desde meados dos anos 40, qual sua visão sobre isso? Isso é real? Ou é ilusão de nossa parte? Ou a grande literatura está sendo, realmente, feita?*



arquivo do entrevistado

Acho que é um pouco ilusório, nesse sentido de que em todas as épocas há essa impressão generalizada de que aquela é horrorosa, está em grande decadência, e não há mais bons escritores, e depois, cinquenta anos depois, quando se faz a história desse período, a gente verifica que houve grandes escritores, grandes editores, assim por diante. Quer dizer, o contemporâneo é o menos indicado para fazer esse tipo de avaliação global. É possível, eu mesmo às vezes tenho essa impressão de que, vamos dizer, o nível de qualidade da literatura brasileira atual não se compara, por exemplo, àquela riqueza dos anos 30 ou mesmo ao famoso ano de 1902, no Brasil, em que apareceram Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Graça Aranha, uma coisa até desmoralizante, de tantos gênios que marcaram aquele momento. Em alguns momentos há um grande afluxo criador, uma espécie de vitalidade inesperada – global e coletiva. Quem viveu, por exemplo, nos anos 30, e se recorda, quase não consegue compreender que entusiasmo havia pela literatura, como a literatura era uma presença real, como se publicavam livros, às dezenas, às centenas, e claro, nesse volume todo, a maior parte desapareceu. Vamos fazer o

seguinte cálculo: da década de 30, com essa vitalidade enorme, quem é que sobrou? Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Graciliano Ramos, no romance. Os que sobrenadam são poucos. Mas há muitos Floriano Gonçalves, muitos Clóvis Amorim de que ninguém nem se lembra. Então, eu acho que há uma ilusão do contemporâneo imaginar que a nossa época não é tão vital ou tão rica quanto as anteriores. Esta idealização do passado existe sempre. O próprio Cervantes, em Dom Quixote, referia a isso: "Aquela idade de ouro, hoje nós vivemos na idade do ferro, que é uma decadência tremenda". E ele estava escrevendo um clássico da idade do ouro, da literatura romanesca, no mundo inteiro. De forma que isso é muito curioso. Sobre a revolução francesa, o Dickens dizia: "Este é o pior dos tempos, este é o melhor dos tempos". Essa eu acho que é a posição filosófica que a gente deve manter. Agora, se realmente não há hoje aquele grande número de romances ou de grandes poetas, ao contrário, centenas e, talvez, milhares de maus poetas, poetas medíocres, e assim por diante, é por que a nossa época está favorecendo outros gêneros. Nós estamos vivendo um momento de historicismo. Estão aparecendo biografias excelentes. Ainda há pouco, comentei sobre o Graça Aranha. Agora estou lendo uma biografia do Oliveira Lima, que é de primeira qualidade.

*O senhor escreveu recentemente que a crítica literária não é a atividade mais indicada para fazer amigos e influenciar pessoas. E que o crítico deve buscar fazer amigos sim, mas para os livros de sua época, e não para si. Um dos problemas da falta de leitor não seria, no Brasil, nossa cordialidade, a gente sempre está querendo fazer amigos para a gente. Ou o inverso*

*da cordialidade, que parece ser também a nossa característica, que é o rancor, sempre fazer inimigos para nossos inimigos?*

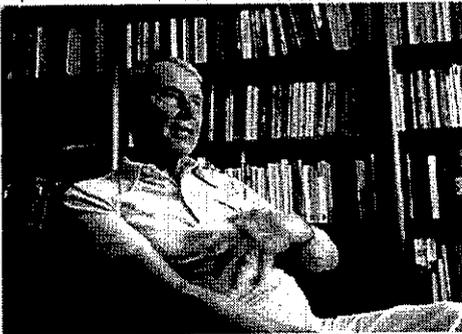
Tem os dois extremos, realmente. Esse problema que você mencionou, do crítico que, se for crítico realmente, objetivo e sério, desagrada as pessoas, mas é uma atividade mal compreendida porque justamente o crítico deseja é fazer amigos para os livros, para os grandes livros. Por isso mesmo, sua crítica pode ser desfavorável, segundo o princípio de que não há necessidade nenhuma de perpetuar os maus livros nem mesmo os maus autores. O crítico é o tal elemento de destruição necessária no processo civilizatório, na evolução literária. Se você pensar bem, os grandes números pecam contra a qualidade literária. Quanto mais gente estiver escrevendo, haverá maior proporção de escritores secundários. E uns poucos geniais, criadores ou absolutamente originais. Mas há outro elemento que completa este raciocínio, e que eu sempre chamo em minha defesa: é que só há grande literatura onde há sublitteratura, onde há uma vida literária abundante. Por que é que não há grandes autores em certos países da África? Porque lá não existe esse ambiente cultural. Então, o grande criador em literatura precisa desse clima, desse ambiente de criação literária, mesmo de terceira categoria, porque é isso que faz um caldo de cultura em que se desenvolve.

*E a nossa cordialidade? Você acha que ela atrapalha o processo de filtragem de literatura? A gente quer ser excessivamente cordial quando escreve. Por que a tendência que a gente vê no jornalismo hoje é a de agradar ou destruir, nunca é uma posição equilibrada e isenta...*

O brasileiro não gosta de dizer não. Tendo de que dizer não, ele ameniza. Agora, na minha experiência crítica, eu já observei o seguinte: se eu amenizar um julgamento desfavorável, eu ofendo o autor tanto quanto se eu disser claramente aquilo que penso dele. Agora, é verdade, nós perpetuamos, por exemplo, uma porção de escritores medíocres, ou menos que medíocres, por causa dessa tendência de ser bonzinho, elogiar, fazer resenhas. O que se escreve nas orelhas dos livros, por exemplo, é uma coisa espantosa. Há escritores brasileiros que seriam maiores que Dante, que Shakespeare. É um delírio. Mas há outra questão. Nabuco citava sempre dizia que a gente deve elogiar os livros dos maus escritores também, por um princípio de bondade, para não desiludir um sujeito medíocre, um miserável que escreveu um livro de péssima qualidade, pois ele se esforçou tanto para escrever aquela porcaria quanto um gênio se esforçou para escrever sua obra-prima. Somente do ponto de vista do esforço, da bondade humana, você deve escrever essas orelhas que nós estamos vendo, essas resenhas desmedidas que aparecem hoje nos livros.

*Há hoje um culto excessivo do objeto livro. E também um excessivo espírito de conservação, de docu-*

arquivo do entrevistado



*mentar, de tudo guardar. Projetos de museu, arquivos para tudo. O leitor esclarecido não tem que ser também um destruidor de livros?*

Com certeza. É preciso saber o que se guardar. Não adianta nada guardar, por exemplo, as contas da lavadeira, ou o recibo do alfaiate. Isto não tem a menor importância. Agora, um autógrafa de um grande autor, sim, merece ir para um museu. Esta mania da conservação é uma decorrência da necessidade de conservação da natureza, mas não deixa de ser uma extrapolação.

*Parece que este é o espírito da nossa época. E ao mesmo tempo, a gente vê, nos arquivos, muito lixo guardado como literatura...*

É a nostalgia do passado. Nós vivemos hoje descontentes com nossa civilização, com a globalização, com o governo, com o delegado de polícia etc. Nós sempre temos essa idéia de que antigamente as pessoas viviam em um mundo primitivo, em que só havia bondade, em que todos gostavam de todos, não havia crime. E tudo isto é pura idealização. Para a maior parte desses espíritos conservadores, o ideal seria voltar para a floresta, local onde eles não se conservariam nem durante uma semana. Eles não sabem realmente o que é a vida natural. É muito bonito você pensar que o índio, por exemplo, o que aliás é uma mentira, só destruía aquilo que ele realmente necessitava para comer. Não é verdade. O índio envenenava milhares de peixes, ele pescava com veneno, com timbó, ele matava milhares para tirar dois ou três para comer. Derrubava uma árvore para colher o fruto, pois não se dava ao trabalho de subir nela e colher. É uma simples idealização histórica pensar que o homem primitivo não

destruía nada. E essa ilusão vem de um fato numérico. Naqueles tempos, uma tribo tinha cinquenta, cem homens. Então, o poder de destruição dessa gente era mínimo, ridículo. Ao passo que hoje, não, são milhões de homens destruindo tudo. Então nós temos esse volume de destruição que realmente assusta. Eu não acredito muito nessa volta ao passado justamente por isso, por realismo: não adianta nada, não é possível recuperar o passado, não é possível voltar ao passado. Você não pode imaginar uma vida pura e simples na cidade moderna. Você vai viver apenas do que produz o seu quintalzinho? Não, e é mais fácil e barato ir no mercado da esquina e comprar tudo.

*Eu conheço escritores que tiveram livros criticados por você, não necessariamente nessa ordem, mas uma hora positivamente, outra negativamente. É nessa postura que está a coerência e a independência da arte da crítica?*

Aí há uma questão curiosa. Muita gente, a maior parte dos escritores, acredita que o crítico critica os autores. Eu não critico os autores, eu critico os livros. O que é muito diferente. Eu às vezes gosto de um autor como pessoa, mas se aparece um livro mau e eu sou obrigado a escrever, eu direi a minha verdade contrária àquele livro, sem que isso altere em nada a minha simpatia e a minha cordialidade com aquele escritor, mas o escritor fica ofendido. E há um fenômeno muito freqüente. Um escritor publica um livro muito bom, em determinado momento, em geral é o primeiro, e eu elogio, naturalmente, com abundância de coração, mas depois, mais tarde, no segundo ou no terceiro livro, ele escreve algo inferior, ou não tão bom quanto o primeiro e eu digo isso. Então dá a impressão de que eu

estou variando. Eu não estou variando, é o autor que está variando os seus critérios de criação. O meu critério de apreciação é sempre o mesmo: o livro presta, no meu entender, ou não presta, e eu digo por que penso assim ou deixo de pensar. Mas não tem nada com o autor. O crítico, o bom crítico deve se limitar a interpretar livros, até como se o autor não existisse, teoricamente, nada mais do que isso.

*Com o tempo, o intelectual brasileiro vai se afastando dos contemporâneos, dedicando-se mais aos grandes livros ou aos livros dos amigos. Todos que convivem com você se assustam com sua jovialidade. Isso é fruto de seu permanente interesse pelos lançamentos, pelas novidades literárias, pela reedição de um clássico, esse desejo de estar sempre convivendo com o contemporâneo?*

Aí eu acho que é uma questão de temperamento. Eu sou fundamentalmente eu sou um homem alegre. Desde o meu curso secundário, eu tinha um colega que dizia: "Você vive rindo". Em outras palavras, a crítica não me amargurou. Não fiquei amargurado com o que eu leio diariamente. É verdade que essa atitude diante da vida é espontânea. Não é que eu queira fazer disso uma filosofia. E isso realmente causa surpresa em quem não me conhece pessoalmente. Tenho recebido vários testemunhos de desconhecidos que, ao me conhecer, dizem: "Puxa, eu imaginava que você fosse um homem velho e carrancudo, e cheio de bilis e tal, e você está aí dando risada". É realmente este sentimento de alegria da leitura, porque eu leio com satisfação: mesmo o livro mau... O Dalton Trevisan observou quando de meus artigos desfavoráveis: "Você, quando escreveu isso, estava dando gargalhadas". E em certo sentido é verdade, rir é

irresistível quando a burrice chega a um certo grau.

*Acho que é um diferencial seu em relação aos demais grandes críticos é esse contínuo interesse pelos lançamentos, pelos autores novos, por descobrir um autor novo. Vamos pegar um caso específico, do Antonio Candido. Ele, que é um grande crítico, fez crítica sobre os contemporâneos até um período, parou e se dedicou aos clássicos. Esta é nossa tendência, o intelectual chega a um ponto e parece que ele se desinteressa pelo contemporâneo, passando a se dedicar aos grandes autores, ou ao seu pequeno círculo de amizade. E você não. Você vem se dedicando desde a década de 40 a tudo que se publica no Brasil, seja reedição seja coisa nova.*

Bom, aí eu faço uma diferença entre o ensaio crítico e a crítica literária propriamente dita. A crítica é aquela que acompanha os livros à medida que eles são publicados, e o crítico emite um primeiro juízo sobre aquele livro, bom ou mau, mas ele é obrigado a decidir. Ao passo que o ensaio literário, como em geral se faz, sobretudo nas universidades, é uma atividade sem perigo, porque o sujeito faz um bom ensaio sobre José de Alencar, Machado de Assis, ele já não precisa decidir se José de Alencar é um bom escritor, Machado de Assis é um bom escritor, ele segue aquela rotina de juízos feitos e é capaz de propor belos exames daquela obra, mas não há risco. Ao passo que o crítico corre esse risco, no meu caso, semanalmente. Por isso mesmo, a crítica militante é a mais perigosa, e provavelmente aquela que mais cedo desanima aqueles que não estão realmente interessados em enfrentar estes riscos todos. De forma que eu sou um dos poucos críticos do Brasil que realmente manteve a crítica literária ao lado dos ensaios. Acho que esta dualidade é um dever de honra do crítico. Antonio Candido real-

mente começou fazendo crítica semanal nos jornais, e depois abandonou, indo para uma atividade completamente separada, que era a sociologia, e quando voltou aos estudos literários, foi tratando da teoria literária, cadeira que ocupou na Universidade de São Paulo. A Teoria da Literatura também é uma fuga em relação à obrigação da crítica. Em vez de ofender fulano ou beltrano, eu faço um ensaio sobre Bakhtin ou sobre Walter Benjamin. Isso tudo me tira da fogueira, mas ao mesmo tempo me permite ter um grande papel, uma grande presença, uma grande reputação. Uma das coisas pelas quais eu fui mais amaldiçoado nestes últimos dez anos foi por ter escrito que essa excessiva tendência para a teoria não tinha nada a ver com a crítica literária. Eles gostavam muito de analisar romances, e o romance deixou de ter autor, tinha o actante, o narrador, o próprio autor que não é narrador, o narrador que deixa de ser actante, você cria um certo vocabulário assim, que é para enganar os bobos. Os franceses têm uma expressão muito curiosa: o espelho que engana os passarinhos. Você produz o reflexo e é enganado por aquilo. E é exatamente isso. A teoria só tem sentido quando é teoria de alguma coisa. Não há teoria no vazio. A teoria *per se*, como se praticou nas universidades brasileiras durante décadas, não tem o menor valor.

*Como o senhor trata a questão de ter de emitir um juízo quando uma obra sai e, algum tempo depois, ter que rever isso. Como o senhor lida com isso?*

Essa pergunta é muito difícil, já me foi feita várias vezes, e eu sempre fico envergonhado de responder, porque dá a impressão de que sou de uma presunção monstruosa. Mas a verdade é que jamais errei. Nunca tive



arquivo do entrevistado

de revisar meus julgamentos. Brincadeira à parte, tenho a impressão de que eu sempre mantive uma enorme coerência com minha própria posição intelectual. Então, tudo que escrevi no passado continua valendo ainda hoje, tendo sido comprovado com o passar do tempo. Muita coisa que eu escrevi há 40 anos, e que foram julgadas erradas, mais tarde foram recuperadas por outros críticos. Vou dar um exemplo clássico. Eu escrevi que o Guimarães Rosa não era romancista, e sim contista. Que o próprio *Grande sertões: veredas* não passa de uma série de contos justapostos. Isso foi considerado uma tolice espantosa naquela época. Anos depois, o próprio Guimarães Rosa, dando uma entrevista a um crítico alemão, disse exatamente isso: “eu não sou um romancista, sou um contista”. Aí eu fiquei, naturalmente, banhado de felicidade. Mas todos aqueles que me insultaram não voltaram para dizer que eu tinha razão, eles esqueceram. Essa idéia de que eu sempre fui honesto, na medida do possível, nos meus julgamentos é que me dá um pouco essa impressão de que eu não tive nunca necessidade de reformar, de cabo a rabo, alguma opinião, algum julgamento do passado. Aí há, logicamente, uma ilusão do próprio interessado.

*Uma das alegrias do crítico é receber diariamente os pacotes do correio. Que tipos de livro você sequer folheia? E quais aqueles que são priorizados na hora da leitura?*

Eu, por princípio, folheio todos. Por escrúpulo. Não há livro que eu jogue fora, assim, só pelo título. Um ou outro. Por exemplo, às vezes eu recebo livros como *Faça sexo durante a noite inteira sem se cansar*. Um livro desse não precisa realmente ser aberto. Mas os volumes da literatura corrente eu não só abro e folheio como começo a ler todos. Eu só desisto quando o livro não tem importância, ou não tem qualidade nenhuma. Aí eu faço uma distinção. Quando é um livro mal escrito por um escritor já conhecido, consagrado, eu posso fazer crítica desfavorável porque ele é capaz de agüentar aquela crítica. Quando é um estrepante perfeitamente imbecil, não faz sentido nenhum produzir uma crítica desfavorável, porque esse vai morrer sozinho, uma crítica não vai realmente influir na sua literatura. Independente da qualidade do livro, eu leio tudo, tenho a famoso método que todo crítico deve ter, das 10 páginas, 20 páginas, 30 páginas. Você agüentando dez páginas, tente não abandonar o livro, buscando chegar à página 20 e depois à página 30. Por exemplo, *Gabriela, cravo e canela* é um livro que eu comecei a ler três vezes e abandonei porque o livro, realmente, só começa na página 50. Depois que venci essa introdução, percebi que é realmente um livro excelente, e tudo aquilo fazia sentido no conjunto. É um conselho de honestidade crítica: resistir o máximo a um livro inferior, ou que parece inferior.

*Que tipo de autor você acha que nunca precisaria mandar um livro para você?*

Autor de livro esotérico, de livro de auto-ajuda, de livro de misticismo. Eu sou um espírito absolutamente fechado ao misticismo, ao sobrenatural, não significa nada para mim, não tenho nenhum interesse nisso, não chego a compreender como um autor, por exemplo, pode escrever sobre profecias, esse tipo de coisa, para mim, não faz sentido. Eu naturalmente também recebo estes livros, mas com estes não vale a pena perder tempo. Fora disso, eu me interesso realmente por tudo, porque acho que a crítica literária não deve ser só de literatura. A crítica literária deve ser de cultura geral. A *História da inteligência brasileira* nasceu desse princípio, de que literatura não é só literatura. Quem conhece só literatura, não conhece nem literatura. É que a literatura está metida num mundo, num complexo de idéias científicas, sociais, políticas, temperamentais, etc. Eu, quando estava escrevendo esse livro, viajei propositalmente para diversas regiões do Brasil que eu não conhecia, não para consultar bibliotecas e artigos, mas para ver as pessoas, como elas andam na rua, como elas comem no restaurante, como elas se vestem. Porque daí eu tinha uma idéia, muito longínqua, mas tinha idéia do comportamento do tipo de vida que aquela gente leva.

*O Paraná sempre foi a terra, em termos literários, de bons críticos, que parece ser nossa melhor tradição. Tivemos Nestor Victor, Tasso da Silveira, Andrade Murici, Temístocles Linhares e, sobretudo, você. Mesmo alguns de nossos criadores, como Newton Sampaio, Dalton Trevisan e Paulo Leminski eram espíritos críticos, embora não tenham produzido uma obra crítica sistemática. Será que esse é o traço predominante da personalidade do paranaense?*

É um traço de psicologia que justamente se refere mais ao comportamento. Muitos que

chegaram aqui, que se mudaram para cá, sempre falam como é difícil penetrar na intimidade dos paranaenses, sobretudo dos curitibanos. Por exemplo, curitibano não fala com ninguém sem ser apresentado. Tem que ser apresentado e meses depois ele diz: “soube que você escreveu um livro”. Até ser recebido na casa de um paranaense é uma luta. É traço de timidez que já foi muito estudado, inclusive pelo Temístocles Linhares. É uma espécie de pânico do julgamento do outro. O olho do outro atrapalha os curitibanos. O outro sempre é um observador incômodo. Isso é muito nosso. E a literatura acabou tendo todos esses críticos. Mas você veja que, destes críticos, quem realmente ficou foi o Temístocles Linhares, o Newton Sampaio foi embora, o Andrade Murici e o Tasso da Silveira — todos esses se mudaram do Paraná. Quer dizer, nunca houve uma permanência crítica na cidade de Curitiba, num jornal curitibano, excetuado mesmo Temístocles Linhares. É muito curioso isso.

*É mais difícil ser um grande crítico nacional morando em Curitiba, ou isso até ajuda um pouco?*

Para mim, ajuda no sentido pessoal, pois me livra daquela interferência dos sentimentos, da amizade, da inimizade. Hoje, eu nem conheço pessoalmente, e nem por fotografia, a maior parte dos autores. Ao passo que, morando no Rio, em São Paulo ou mesmo Belo Horizonte, você necessariamente faz parte de um grupinho e aquele grupo tem suas opiniões sobre tudo.

O fato de ter recebido o mais importante prêmio literário nacional, o Prêmio Machado de Assis de 2002, da Academia Brasileira de Letras, uma instituição composta por

muitos membros, alguns duramente criticados por você, é um sinal de que, apesar de tudo, ninguém pode ignorar a estatura da sua obra?

Ou, pelo menos, é o sinal de que eu virei medalhão. Mas, de fato, este prêmio foi inesperado. Para começar, não é um prêmio que se peça, nem que se faça campanha para obter, nem saí de Curitiba. Certo dia, soube que o prêmio tinha sido concedido. Eu recebi isso, um pouco, como um estímulo, uma sensação de que tudo que eu fiz não está perdido, embora, por outro lado, eu tenha passado toda minha vida num grande regime de carência crítica. Poucos intelectuais escreveram sobre meus livros, sobre minha obra e a maioria não gostou. Eu sempre achei que eu devia ser mais bem tratado. A *História da inteligência brasileira*, por exemplo, foi premiado, foi muito lido, mas não foi examinado criticamente. É um fenômeno curioso. Quando saiu o primeiro volume, houve um grande interesse, houve muitos artigos, o livro foi noticiado aqui e ali. Mas ninguém se referiu aos volumes seguintes, parece que aquilo não existia. E em momentos de delírio, eu me dizia: "É assim mesmo, esse homem escreveu um livro tão bom, é melhor não ler os outros, que podem ser até melhores". A série *Pontos de vista* [está no décimo-quinto volume], em que trato, praticamente, de toda literatura contemporânea, tem recebido uma crítica muito pequena. Despertou o menor interesse possível entre os críticos brasileiros.

*Você se considera hoje o maior intelectual brasileiro? Se você tivesse que listar as obras fundamentais, você incluiria a História da inteligência brasileira?*

De fato, fora de qualquer presunção, eu acho que esse livro, *História da inteligência*

*brasileira*, é uma das obras fundamentais para entender o Brasil. Há uns anos, quando a revista *Veja* fez um inquérito, perguntando para vários escritores quais eram os livros fundamentais da literatura brasileira, eu citei, é claro, Nabuco, Romero etc, mas citei também a *História da inteligência brasileira*. E alguém achou que aquilo era uma demonstração de vaidade tola, como é que eu iria incluir meu próprio livro entre os dez maiores. Mas eu não incluí o meu livro como os dez mais importantes, mas incluí como um dos mais indispensáveis. Esse livro precisa ser lido, mesmo para quem quiser não concordar com ele e para fazer o cotejo, o contraste com as outras obras literárias. Você lê, por exemplo, Silvío Romero, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, e Wilson Martins. É neste contexto. Não é como um livro muito bom, uma obra-prima, nada disso. Eu citei esse livro, como penso até hoje que deve ser citado, como um instrumento de conhecimento da vida intelectual brasileira. De forma que não se trata aqui de vaidade, e sim de uma objetividade de julgamento de meu próprio livro.

*No Brasil, nós sabemos discutir abertamente as idéias? Ou sempre ficamos fazendo referências veladas aos adversários?*

Uma desonestidade muito comum no Brasil é um sujeito que pertence a um certo grupo ideológico ignorar completamente os livros do outro grupo ideológico. Um comunista jamais cita um livro católico, e um católico jamais cita um livro comunista. Isto é desonesto porque realmente você não pode ignorar certas obras ou certos autores. Você pode ser um católico perfeito, mas não pode ignorar, por exemplo, a obra do Caio Prado Júnior. Agora, o Caio Prado Júnior, por sua

vez, ignorava as obras de seus adversários. E você fazer menções, assim, vagas, eu acho ainda mais desonesto, porque pode criar confusões.

*Você deixou de escrever alguma coisa que você queria ter escrito. E você tem algum projeto de leitura e de escrita?*

Você está diante de um homem que nunca teve projeto para nada. Minha vida foi toda acontecendo espontaneamente. Eu nunca pensei em entrar na Faculdade de Direito, nunca pensei em ser professor de literatura, nunca pensei em ser crítico literário. As coisas foram acontecendo, nunca fiz projeto para o ano que vem. Por exemplo, eu me formei com essa idéia de que eu ia ser professor em Paris. Recebi bolsa lá na França, tive contato com eles, e a minha esperança era ser professor de literatura brasileira lá. Nunca consegui isso. Nunca pensei em ir para os Estados Unidos, e de repente, vem um convite e eu vou ser professor em Nova Iorque. Jamais tive plano de escrever nada, mesmo a *História da inteligência brasileira* não é uma idéia minha. Foi uma coisa meio espontânea. Eu vinha dos Estados Unidos, todos os anos, nas férias, e visitava o José Olympio. O Daniel Pereira sempre me dizia: "Você precisa escrever uma história da literatura brasileira, moderna, atualizada, você é capaz de fazer isso. Porque hoje há um grande público universitário e nós gostaríamos muito de editar esse livro". E eu sempre tirava o corpo fora. Mas ele tanto insistiu que um dia voltei para os Estados Unidos e comecei a imaginar uma história da literatura brasileira. E foi aí que eu percebi que não fazia mais sentido escrever uma história da literatura, porque a literatura estava incluída em um com-

plexo intelectual muito mais amplo. A partir daí eu escrevi a *História da inteligência brasileira*. Então, me passou pela idéia a seguinte decisão: vou ler tudo que já se publicou no Brasil e vou ver o que sai. Era, claro, uma loucura. O segundo passo, depois dessa decisão, seria o hospício. Mas passei a fazer essa leitura sistemática e então percebi que há uma correspondência, por exemplo, entre as idéias políticas, sociais, religiosas, os livros literários, a poesia, o romance: há uma espécie de natureza semelhante em cada época. As discussões sobre religião, por exemplo, no século passado, foram ferozes e revelam mais a respeito da mente brasileira do que qualquer outro tipo de obra.

*Você, na casa dos 80 anos, se sente bem intelectualmente, não sente nenhuma dificuldade com idade, para fazer julgamento dos livros?*

O Jorge Amado, em uma de suas últimas entrevistas, mencionou justamente este problema: "antigamente eu me sentava e escrevia dez páginas por noite. Hoje, quando consigo escrever meia página por dia já é uma glória". Eu ainda consigo, estou escrevendo como sempre escrevi, no mesmo ritmo, no mesmo afluxo de idéias. Agora, isso tudo pode ser ilusório.

*Você pensa em parar de fazer crítica?*

Um dia eu serei obrigado a interromper tudo, não apenas a crítica. Mas eu tenho sempre aquela preocupação que todo sujeito racional deve ter: até que ponto posso manter a qualidade do que faço. Eu devo me retirar no momento de beleza, como dizem os franceses, ou devo esperar chegar a decadência e começar a escrever tolices e me desmoralizar?

---

Este é um problema muito sério, mas enquanto eu puder manter esse ímpeto, e na medida do possível, continuarei escrevendo. ■

---

Miguel Sanches Neto - Doutor em Teoria Literária pela Unicamp (1998), professor de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa, colunista da *Gazeta do Povo* (Curitiba) e colaborador regular da revista *Carta Capital* (São Paulo). É autor, entre outros, dos volumes de crítica: *Biblioteca Trevisan* (Curitiba: Editora da UFPR, 1996) e *Entre dois tempos* (São Leopoldo: Unissinos, 1999); de poesia: *Inscrições a giz* (Florianópolis: FCC, 1991 – Prêmio Nacional Luis Delfino), *Venho de um país obscuro* (Curitiba: Travessa dos Editores, 2000) e *Abandono* (Edição fora do mercado, 2003); e de ficção: o romance *Chove sobre minha infância* (Rio de Janeiro: Record, 2000) – traduzido para o espanhol (*Llueve sobre mi infancia*, Barcelona: Poliedro, 2004) e a coletânea de contos *Hóspede secreto* (Rio de Janeiro: Record, 2003 – Prêmio Nacional Cruz e Sousa de 2002).

---